

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE GOIÁS
UNIDADE UNIVERSITÁRIA DE JUSSARA
CURSO DE LICENCIATURA EM LETRAS: PORTUGUÊS/INGLÊS
E RESPECTIVAS LITERATURAS

MARIANA SOARES DA SILVA

OS GÊNEROS ORAIS NO ENSINO FUNDAMENTAL: O DEBATE EM FOCO

JUSSARA – GO
2013

Mariana Soares da Silva

OS GÊNEROS ORAIS NO ENSINO FUNDAMENTAL: O DEBATE EM FOCO

Monografia apresentada a banca examinadora como requisito para obtenção do título de licenciado em Letras – Português/Inglês e respectivas literaturas da Universidade Estadual de Goiás, Unidade Universidade de Jussara, sob orientação da professora Anyellen Mendanha Leite.

JUSSARA – GO

2013

MARIANA SOARES DA SILVA

OS GÊNEROS ORAIS NO ENSINO FUNDAMENTAL: O DEBATE EM FOCO

Monografia aprovada como requisito parcial para a obtenção do grau de
Licenciado em Letras na Universidade Estadual de Goiás – UEG, pela Banca

Examinadora:

Anyellen Mendanha Leite

Orientadora: Anyellen Mendanha Leite

Juliana Vieira R. Mendonça

Examinadora: Juliana Vieira Rebouças Mendonça

Aline Moreira da Fonseca Nascimento

Examinadora: Aline Moreira da Fonseca Nascimento

JUSSARA, 06 DE NOVEMBRO DE 2013

Dedico este trabalho para a minha família, que neste período vem torcendo e me dando todo apoio para que eu tenha sucesso no fim desta etapa.

AGRADECIMENTOS

Gostaria de agradecer principalmente a Professora Anyellen Mendanha Leite que me orientou e demonstrou compreensão e paciência neste período.

*Ensinar não é transferir conhecimento, mas
criar as possibilidades para a sua própria
produção ou a sua construção.*

Paulo Freire

RESUMO

O trabalho teve como objetivo discorrer sobre os gêneros textuais/discursivos, sendo estes definidos como círculo de troca social de enunciados. Esta pesquisa é voltada para o ensino e para as práticas escolares a partir de diferentes formas de linguagem, de modo a ressaltar a relevância do desenvolvimento da diversidade de gêneros no processo de ensino-aprendizagem dos educandos. Teve-se como finalidade colocar em prática o estudo dos gêneros orais, em específico o debate, observando sua aplicação no livro didático e como este é proposto. Espera-se que a pesquisa seja uma experiência para propagação de novas linguagens nos gêneros. A importância em desenvolver esse trabalho, reside no fato de ser uma pesquisa que leva em consideração um gênero oral e seu uso através de um instrumento de ensino, avaliando suas contribuições no desenvolvimento das competências e habilidades sugeridas pelos guias curriculares. Abordou-se, especificamente, o gênero *debate*, o qual é instrumento de desenvolvimento de discussões e opiniões diferentes sobre um referido assunto. Assim sendo, a metodologia consistiu em uma pesquisa bibliográfica a partir da qual os livros didáticos do Ensino Fundamental do 9º ano foram analisados explorando o referido gênero. A fundamentação teórica apoiou-se em teóricos como Rojo e Sales (2004), Meurer, Bonini e Motta-Roth (2005) e Rojo (2000), dentre outros.

Palavras-chave: Gêneros. Ensino. Oralidade. Debate.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	08
CAPÍTULO 01 GÊNEROS E ENSINO: QUAL O ESPAÇO DA ORALIDADE?	11
1.1 Ensino de língua portuguesa: objetivos e objetos	11
1.2 Conceituando os Gêneros	16
1.3 Gêneros Orais como objetos de ensino	19
1.3.1 O gênero debate	21
CAPÍTULO 02 ABORDAGEM DO GÊNERO ORAL DEBATE NOS LIVROS DIDÁTICOS	25
2.1 Por que analisar o livro didático?	25
2.2 Gênero oral debate e o livro didático: por uma análise crítica	29
2.2.1 Análise da coleção Arte da Palavra	29
2.2.2 Análise da coleção Diálogo	36
2.2.3 Análise da coleção Tecendo Linguagens	40
CONCLUSÃO	43
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	45
ANEXOS	47

INTRODUÇÃO

As práticas de ensino em sala de aula atualmente estão se diversificando cada vez mais, pois o professor está trabalhando as diversas formas de gêneros, os quais estão presentes no cotidiano do aluno, fazendo com que este saiba compreender o que o texto representa dentro de determinado contexto no qual está inserido. O ensino e as práticas escolares são feitas a partir de diferentes formas de linguagem, de modo a ressaltar a relevância do desenvolvimento da diversidade de gêneros no processo de ensino-aprendizagem dos educandos.

Na realidade, as práticas de ensino dos gêneros em sala de aula têm o papel de proporcionar um ensino diversificado, que prioriza a linguagem, desenvolvendo as diferentes formas de se expressar e argumentar, na fala e na escrita; mas diante disso, pode-se questionar se a oralidade tem o mesmo espaço que a escrita em sala de aula. Algumas vezes, os próprios materiais didáticos priorizam mais a última, deixando o professor sem recursos para trabalhar os gêneros presentes na oralidade ou, em outros momentos, o próprio professor não aprofunda nesse gênero, qualificando-o automaticamente com menos importância no ensino.

Porém é importantíssimo trabalhá-lo e desenvolvê-lo com os alunos, pois mais a frente estes precisarão desenvolvê-los em diversas ocasiões da sua vida. Geralmente, é uma prática que é pouco privilegiada, pois há a concepção de que os alunos têm que escrever bem, porque futuramente vão enfrentar as redações, então geralmente, a escrita tem mais prioridade e esquecem que a oralidade tem também a sua importância. Afinal, saber se expressar e dar opiniões na hora certa, poderá abrir outras portas; nesse sentido enquadra-se o gênero debate.

Dentre as mudanças feitas até os dias de hoje, pode-se perceber que desde a criação dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN), é possível observar que o ensino teve grandes avanços, pois propõe que o professor deve ser mediador do conhecimento, diversificando as práticas orais e escritas, dando lugar ao ensino com o gênero textual.

O estudo do gênero na perspectiva dessa pesquisa, desperta a reflexão em torno desse tema, pois abrange um estudo que é trabalhado constantemente em sala de aula – os gêneros – e dá lugar a um gênero que é pouco visto e discutido, o debate. É importante não atribuir à fala apenas o papel figurativo, pois esta faz parte das habilidades e competências que os alunos de Ensino Fundamental devem ter desenvolvido ao final do processo escolar.

Os objetivos a serem almejados concentram-se em ampliar a discussão acerca das potencialidades do trabalho com gêneros em sala de aula, destacar o ensino do gênero oral e seu reflexo na ampliação das competências e habilidades, além de definir o gênero textual

para que a partir das abordagens teóricas, relacione-se à prática, focando na oralidade e sua atuação no processo de comunicação, tendo em vista analisar até que ponto é abordado no contexto da educação básica. Cabe ainda definir o gênero debate e, por fim, avaliar o ensino deste, através de observações em um dos instrumentos de ensino, o livro didático.

O ensino de gênero nas escolas está sendo incluído gradativamente, o professor tem o papel de trabalhar todos os gêneros propostos nos livros didáticos, pois o aluno precisa ter o domínio das linguagens, é por meio dela que se tem acesso às informações, expressam-se, defendem-se e compartilham-se opiniões.

Desse modo, o primeiro capítulo destina-se a discutir a teoria dos gêneros, especificando em uma sequência lógica, os orais. Os gêneros são determinados pelo modo de organização, como: suas intenções comunicativas, as condições de produção da linguagem, que geram o uso social que é determinado. Os textos se organizam de maneira diferente uns dos outros, tanto na temática que é o assunto que se trata, na composição ou a estrutura do texto e o estilo que refere-se aos recursos usados, lexicais ou gramaticais, que caracterizam um determinado gênero, dependendo de sua diversidade.

Dentre conceitos apresentados sobre o gênero, destacando-se as diversidades existentes, a comunicação social e a prática de linguagem na sala de aula, a escola é o meio propulsor do desenvolvimento de troca social. É um lugar que tem mais comunicação, nas quais os alunos se encontram em várias situações, que precisam da escrita, fazendo assim ocasionar produções de textos, e possibilitando novos gêneros e formas linguísticas. Como é possível observar-se a citação abaixo como é visto a comunicação no meio escolar.

A situação de comunicação é vista como geradora quase automática do gênero, que não é descrito, nem ensinado, mas apreendido pela prática de linguagem escolar, por meio dos parâmetros próprios à situação e das interações com os outros. A naturalização é aqui de uma outra ordem: o gênero nasce naturalmente da situação (ROJO SALES, 2004, p. 67).

A escola precisa ser um espaço em que haja um incentivo ao uso de gênero, bem como uma ênfase na comunicação, pois sua função é preparar o aluno para atuar em sociedade, dessa forma, é no ambiente escolar que o educando precisa entrar em contato com essas diversas possibilidades de se comunicar e, conseqüentemente, saber adequar o gênero aos seus propósitos.

Por isso, ainda no primeiro capítulo, será analisado o lugar e a importância dos gêneros orais, referindo-se à comunicação oral dentro de um determinado círculo social, por exemplo, na escola pode-se trabalhar diariamente o debate, pois expondo aos alunos um

referido assunto e instigando-os, fará com que eles sempre deem a sua opinião, dando lugar a discussões pertinentes e levando o aluno a se expressar frente a um tema.

Já no segundo capítulo do referido trabalho, a intenção é ponderar a respeito do livro didático. Pretende-se por meio deste, desenvolver uma análise de coleções de livros didáticos do Ensino Fundamental da série do 9º ano, focando o gênero debate acima descrito, propondo-se comparar em três coleções diferentes os seguintes aspectos: como o gênero é tratado, como pode ser trabalhado em sala de aula de acordo com o que esse instrumento oferece ao professor, tornando uma possibilidade de compreender melhor o ensino desse gênero, pouco reconhecido nas aulas de Língua Portuguesa.

Espera-se que a pesquisa contribua na abrangência do gênero debate, podendo ser desenvolvidos com mais frequência em sala de aula, para que os próprios alunos tenham menos dificuldades de expressarem. E por meio da análise dos livros didáticos do ensino fundamental do 9º ano, mostrar como ainda é tratado e trabalhado esse gênero, em sala de aula, pois tem menos visibilidade nesse espaço.

CAPÍTULO 01 GÊNEROS E ENSINO: QUAL O ESPAÇO DA ORALIDADE

Esta pesquisa é voltada para o ensino e para as práticas escolares a partir de diferentes formas de linguagem, de modo a ressaltar a relevância do desenvolvimento da diversidade de gêneros no processo de ensino-aprendizagem dos educandos. Tem-se como finalidade colocar em prática o estudo dos gêneros orais, em específico o debate, observando sua aplicação no livro de didático, o desenvolvimento e como é proposto, e verificar se o gênero encontra-se nos livros selecionados. Espera-se que a pesquisa seja uma experiência para propagação de novas linguagens nos gêneros.

A importância em desenvolver esse trabalho, reside no fato de ser uma pesquisa que leva em consideração um gênero oral e seu uso através de um instrumento de ensino, avaliando suas contribuições no desenvolvimento das competências e habilidades sugeridas pelos guias curriculares. Será, abordado, especificamente o gênero *debate*, o qual é instrumento de desenvolvimento de discussões e opiniões diferentes sobre um referido assunto. Assim sendo, a metodologia consistirá em uma pesquisa bibliográfica a partir da qual pretende-se analisar o livro didático do Ensino Fundamental do 9º ano, explorando o referido gênero.

1.1 *Ensino de Língua Portuguesa: objetivos e objetos*

A escola em seu âmbito escolar precisa criar momentos para que os alunos sejam capazes de desenvolver sua competência discursiva. Como pode-se perceber um dos aspectos da competência discursiva é:

... o sujeito ser capaz de utilizar a língua de modo variado, para produzir diferentes efeitos de sentido e adequar o texto a diferentes situações de interlocução oral e escrita. É o que aqui se chama de competência de linguística e estilística (BRASIL, 1998, p.23).

A escola tem o papel de organizar as atividades de ensino-aprendizagem da língua e linguagem, pois de um lado as línguas são veículos adaptáveis que permitem reportar-se ao

mundo de diferentes maneiras, e de outra forma notifica a oposição que a língua é homogênea, e é usada de forma passiva e ativa por toda sociedade que a utiliza.

Os conteúdos a serem ministrados são determinados a partir dos guias curriculares propostos a partir das políticas educacionais, sendo tratado de forma específica pelo professor, levando em consideração não apenas a informação dada, mas dando a devida atenção ao modo que essa informação é transferida. Os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) definem como deve-se organizar os conteúdos de Língua Portuguesa.

Os princípios organizadores dos conteúdos de Língua Portuguesa (USO – REFLEXÃO – USO), além de orientarem a seleção dos aspectos a serem abordados, definem também, a linha geral de tratamento que tais conteúdos receberão, pois caracterizam um movimento metodológico de AÇÃO – REFLEXÃO – AÇÃO que incorpora a reflexão às atividades linguísticas do aluno, de tal forma que ele venha a ampliar sua competência discursiva para as práticas de escuta, leitura e produção de textos (BRASIL, 1998, p.65).

O professor tem o papel de planejar a sua ação, considerando assim a competência dos alunos diante do conteúdo. A linguagem é determinada pela sociedade, em seu referido momento, fazendo com que os diferentes níveis de leitura e escrita sejam uma das exigências colocadas pela própria sociedade, essa necessidade imposta faz com que os métodos e práticas educativas devam possibilitar aos alunos a ampliação da sua competência discursiva.

Nessa perspectiva, não é possível tomar como unidades básicas do processo de ensino as que decorrem de uma análise de estratos – letras/fonemas, sílabas, palavras, sintagmas, frases – que, descontextualizados, são normalmente tomados como exemplos de estudo gramatical e pouco têm a ver com a competência discursiva. Dentro desse marco, a unidade básica do ensino só pode ser o texto (BRASIL, 1998, p.23).

O ensino anteriormente era baseado apenas o estudo da gramática sendo que o aluno teria que decorar as regras e restrições para conseguir responder as avaliações, e também os tipos de textos: dissertação, narração e descrição, há ainda uma pequena parcela de instituições que utiliza este modelo de ensino que priorizam as provas de vestibulares para fim da jornada estudantil na escola.

Com isso, deixava-se de lado um ensino crítico que pudesse conhecer e reconhecer as diversidades de gêneros existentes no cotidiano do aluno, que muitas vezes, alguns desconheciam ou não sabiam sua finalidade social e cultural. Mas com passar do tempo e com abrangência dos gêneros textuais, houve essa ampliação de concepção quanto aos textos.

Neste raciocínio, a escola é ambiente prazeroso, que desperta no aluno a autoestima e valores respeito e compromisso com o intuito de integrá-lo ao meio sócio-educacional, levá-lo a vivenciar momentos de estudo, reflexões e trocas de experiências com o intuito de

concretizar seus estudos de forma ainda mais ampla, melhorar o desempenho crítico dos alunos nas disciplinas.

Para boa parte das crianças e dos jovens brasileiros, a escola é o único espaço que pode propiciar acesso a textos escritos, textos estes que se converterão, inevitavelmente, em modelos para a produção. Se é de esperar que escritor iniciante redija seus textos usando como referência estratégias de organização típicas da oralidade, a possibilidade de que venha a construir uma representação do que seja a escrita só estará colocada se as atividades escolares lhe oferecerem uma rica convivência com a diversidade de textos que caracterizam as práticas sociais. É mínima a possibilidade de que o aluno venha a compreender as especificidades que a modalidade escrita assume nos diversos gêneros, a partir de textos banalizados, que falseiem sua complexidade (BRASIL, 1998, p.26).

O aluno somente passa a conhecer a diversidade de textos, a partir do momento que ele entra na escola, e mesmo assim muitos não conseguem distinguir estas diferenças, pois é pouco priorizado em sala de aula, e não se dá a devida atenção às características do gênero para que possam compreender a realização e a importância dos mesmos no dia-a-dia, por exemplo jornal impresso.

As realizações feitas no período do Ensino Fundamental reflete no ensino/aprendizagem do próximo nível, que deve proporcionar ao aluno um aprofundamento das habilidades orais e escrita, levando-o a ampliação de conhecimentos, como percebe-se:

... parametrizam o ensino fundamental se orientam por perspectiva segundo a qual o processo de ensino aprendizagem deve levar o aluno à construção gradativa de saberes sobre os textos que circulam socialmente, recorrendo a diferentes universos semióticos, pode-se dizer que as ações realizadas na disciplina de Língua Portuguesa, no contexto do ensino médio, devem propiciar ao aluno o refinamento de habilidades de leitura e escrita, de fala e de escuta. Isso implica tanto a ampliação contínua de saberes relativos à configuração, ao funcionamento e à circulação dos textos quanto ao desenvolvimento da capacidade de reflexão sistemática sobre a língua e a linguagem (BRASIL, 2000, p.18)

No ensino da disciplina de Língua Portuguesa, houve várias mudanças e transformações nos últimos tempos, pois buscou-se colocar nas práticas de ensino e aprendizagem conteúdos que despertassem a atenção dos alunos e além dos tradicionais que era tão priorizado; além da inserção de recursos tecnológicos que valorizassem as aulas.

A primeira mudança de maior interesse é compreender as dificuldades dos alunos, diante de tantos fatores, como percebe-se em:

Essa primeira mudança de paradigma preconiza a importância de compreender as dificuldades vivenciadas pelos alunos no processo de aprendizagem à luz dos fatores envolvidos na variação linguística. Defendia-se, portanto, que o planejamento, a execução e a avaliação dos resultados das práticas de ensino e de aprendizagem levassem em conta fatores como classe social, espaço regional, faixa etária, gênero sexual. Tais fatores, dizia-se,

deveriam, ainda, ser considerados em relação às situações de uso da língua que determinam tanto o grau de formalidade e o registro utilizado quanto a modalidade de uso, se falada ou escrita (BRASIL,2000, p.19 e 20).

Tais mudanças deveriam contribuir para que a escola compreendesse as dificuldades dos alunos e atuasse pontualmente nessas deficiências e que, incluídas as práticas orais e escritas, tentasse diminuir o distanciamento entre ambas, interagindo o texto ao contexto em que o aluno está inserido. Percebe-se que a concepção de ensinar Língua Portuguesa começou a ampliar-se para atender às novas demandas dos alunos que na escola se encontravam, de modo a torná-los competentes usuários de textos e não somente de regras.

Pode-se perceber que a fala é tão importante quanto a escrita, pois é ela que é a ferramenta da linguagem a qual as pessoas precisam para se relacionar umas com as outras. Fez-se necessário trabalhar em prol da ideia de que o aluno já usa a língua e que, portanto, não está distante de seus padrões de funcionamento, como fazia crer em outros tempos. Para tanto, adotou-se o texto como ponto de partida do processo de ensino, pois com ele o aluno compreende usos reais e cotidianos, os quais ele precisa ampliar o domínio para se tornar competente linguisticamente.

O texto, por sua vez, é organizado com certos elementos básicos, como o assunto desenvolvido, a estrutura e o estilo, assim caracterizando o gênero textual, sendo este um objeto de ensino que pode ser organizado de diferentes formas.

As práticas de ensino na sala de aula aos poucos estão diversificando-se, pois atualmente os livros didáticos vêm compostos destas diversidades de gêneros, que o professor vem trabalhando, os quais estão presentes no cotidiano do aluno.

A inserção do gênero na educação está sendo desenvolvidas aos poucos, pois os conteúdos que vêm impostos, com instruções dos procedimentos de trabalho que devem ser adotadas pelos professores e, geralmente, desconsiderando o trabalho que estes poderão fazer fora daquele contexto para aprofundar o ensino-aprendizagem através dos textos.

Nos materiais didáticos de ensino de língua, geralmente o denominado “livro do professor”, manual que traz as respostas aos exercícios do livro correspondente do aluno ou o conjunto de orientações didáticas para utilização do livro didático, ilustra também a concepção formalista da linguagem como instrumento de comunicação. Trata-se de um material que, em geral, propõe uma série de instruções para o procedimento do professor, desconsiderando maiores especificidades envolvidas na questão do ensino-aprendizagem, como a região onde se localiza a escola, o perfil do aluno e do professor, as condições histórico-culturais que cercam e marcam a experiência com a linguagem, entre muitas outras (OLIVEIRA, WILSON, 2009, p. 237).

Tal distinção de prática de análise de textos não se refere ao ensino de gramática, mas devem ser tratados de uma forma mais desenvolvida nas práticas de reprodução de textos, isto é, há uma ampliação das abordagens dos elementos linguísticos que devem se fazer presentes no ensino de língua materna. De acordo com o PCN:

Quando se toma o texto como unidade de ensino, os aspectos a serem tematizados não se referem somente à dimensão gramatical. Há conteúdos relacionados às dimensões pragmática e semântica da linguagem, que por serem inerentes à própria atividade discursiva, precisam, na escola, ser tratados de maneira articulada e simultânea no desenvolvimento das práticas de produção e recepção de textos (BRASIL, 1998, p.78).

Mas quando se trata da gramática, a escola costumava privilegiar conteúdos regulares, expressões e nomenclaturas eram trabalhadas com frequência, mas hoje o ensino da língua deve corresponder à interação da linguagem entre as pessoas; desse modo o professor, sendo o mediador de conhecimentos, precisa oferecer aos alunos recursos linguísticos para que possam ter a competência de produzir seus textos.

No tocante à aquisição do conhecimento, é imprescindível lembrar que, se estamos reivindicando uma prática democrática de ensino, com uma perspectiva de língua distante do conceito de homogeneidade e idealização do modelo linguístico, é preciso ressaltar a importância de modo como tais práticas são apropriadas e incorporadas pelos alunos de diferentes classes sociais (OLIVEIRA, WILSON, 2009, p. 241).

Essas práticas de ensino devem ser iguais para todos, o conhecimento deve ser incorporado de acordo com a realidade de cada aluno. Dessa forma, o professor deve saber adaptar o ensino às situações, sabendo ser coerente em seus métodos.

Apesar de serem diferentes possibilidades da realização da língua, a fala e a escrita têm diferentes características: na oralidade o aluno tem a capacidade de expressar diferentes opiniões sobre um determinado assunto, a partir da troca de informações; já na escrita, o aluno poderá escrever sob diferentes perspectivas, aprendendo vários gêneros e compreendendo essas variadas formas de escrita, tornando-se satisfatório esse exercício, não fixando-se apenas em torno das tipologias de textuais.

Na realidade, as práticas de ensino dos gêneros em sala de aula têm o papel de proporcionar um ensino diversificado, que prioriza a linguagem falada e a escrita, desenvolvendo as diferentes formas de expressar-se e argumentar-se.

Conclui-se que o objeto e os objetivos do ensino de Língua Portuguesa mudaram, pois o primeiro deixou de ser meramente conteúdo gramatical para ser o texto e seus elementos e os segundos ampliaram-se para abordar a língua em seus diversos contextos de interação, pois

o intuito agora é que os educandos sejam hábeis a comunicar-se sob diferentes formas para as várias finalidades diárias.

1.2 Conceituando os Gêneros

O gênero do discurso pode ser compreendido como enunciados que são relativamente estáveis, porque têm uma estrutura básica que de acordo com os objetivos pretendidos, podem ser adaptados, isto é, de acordo com o momento que é falado e com as características textuais abordadas, pode-se saber que gênero está sendo desenvolvido.

Segundo Bakhtin os gêneros podem ser distinguidos de duas formas, gêneros primários, que são constituídos na intenção verbal cotidiana, imediata simples, a nível real, por exemplo, um diálogo cotidiano, carta e manifestações publicitárias; e os gêneros secundários, constituem-se em situações comunicativas mais complexas, incorporam os primários, os quais são criações literárias, discurso científico e ideológico. Como se confirma:

Os gêneros secundários do discurso --- o romance, o teatro, discurso científico, o discurso ideológico etc. --- aparecem em circunstâncias de uma comunicação cultural mais complexa e relativamente mais evoluída, principalmente escrita: artística, científica, sociopolítica. Durante o processo de sua formação, esses gêneros secundários absorvem e transmitem os gêneros primários (simples) de todas as espécies, que se constituíram em circunstâncias de uma comunicação verbal espontânea (BAKHTIN *apud* MEURER, BONINI, MOTTA-ROTH, 2005, p.132).

A partir disso percebe-se que essa diferenciação abrange a definição de gênero, pois não incorpora o que tradicionalmente se entendia por texto. Houve uma ampliação da noção de texto, desvinculando este de uma mera abordagem estrutural, pois antes considerava-se uma concepção em que havia apenas alguns protótipos possíveis para construção textual. Sendo que com essas considerações iniciais de Bakhtin, chegou-se à noção de gênero textual, a qual é bastante discutida e influencia significativamente o ensino.

Os gêneros são dependentes do modo social, das situações da fala que são utilizadas, pelo usuário da língua, dependendo do contexto. Dentre essas perspectivas percebe-se que para entendê-lo em um aspecto social, tem-se que entender qual a sua criação, a interpretação, a reação que se tem ao deparar com certos textos. E ainda reitera que ele se assemelha a experiências dos indivíduos, e a materialização de textos é a partir de nossas

experiências, ou seja ações cotidianas feitas pelas pessoas, são transformadas em textos. Desse modo reitera que “compreender os gêneros socialmente pode nos ajudar a explicar como encontramos, interpretamos, reagimos e criamos certos textos.” (MILLER *apud* MEURER, BONINI, MOTTA-ROTH, 2005, p.133).

O gênero pode ser compreendido como ação social, na qual indica-se um conceito para os métodos pragmáticos que são demarcados pelas características do mesmo. O texto materializa as experiências comunicativas, através de sua ação, estrutura e conteúdo. Cria-se uma situação retórica, percebe que os propósitos dos indivíduos enquanto usuários da língua são elementos indispensáveis na situação, percebendo não apenas nas características ou situações identificadas pelos usuários, mas pela causa dos participantes do discurso. Segundo os autores o gênero tem as seguintes características:

[...] refere-se categorias do discurso que são convencionais por derivarem de ação retórica tipificada; é interpretável por meio das regras que o regulam; é distinto em termos de forma, mas é uma fusão entre forma e substância; constitui a cultura; é mediador entre o público e o privado. Estas características baseiam-se “nas convenções do discurso que uma sociedade estabelece como formas de ‘ação conjunta (MEURER, BONINI, MOTTA-ROTH, 2005, p.134).

Percebe-se convencionalidade, ao se observar que os usuários da língua têm a noção básica das diversas formas de representação de gêneros textuais, tais como histórias infantis, receitas, crônicas, resumos, notícias, etc; afinal, cada gênero carrega consigo características que lhes são próprias.

Pode-se dizer então que o gênero faz referência à categoria do discurso que deriva do processo da ação e se interpreta por meio das regras desenvolvidas, da junção da forma e substância, no qual o discurso que uma sociedade tem em forma de ação conjunta, pois o usuário da língua tem consciência das características vinculadas a cada gênero.

Segundo Bakhtin, dentro das práticas escolares, a produção de texto e leitura está se fortalecendo cada vez mais no ensino/aprendizagem, priorizando as práticas de interação verbal social através dos gêneros discursivos/textuais como objeto de ensino. Focaliza-se hoje a interação verbal, pautada na comunicação entre os indivíduos considerando o dialogismo, que é constitutivo da linguagem; isso significa que o sujeito é formado por várias vozes, pois são falantes influenciados por outras ideias.

Também pode se destacar nessa pesquisa, as formas de enunciados, sejam eles orais ou escritos. Dentro de um círculo social, o enunciado é a unidade real da comunicação discursiva e permite a compreensão de modo correto das unidades da língua. A questão da língua é como signo ideológico, pois a mesma é um fenômeno social. Isso significa que as

palavras não têm um significado puro, imanente, pois são meios de se disseminarem ideologias, portanto sua significação deve ser observada a partir de uma inscrição histórica e social, pois como confirmam os autores:

[...] a verdadeira substância da língua não é constituída por um sistema abstrato de formas linguísticas [língua como sistema de formas – objetivismo abstrato] nem pela enunciação monológica isolada [língua como expressão de uma consciência individual – subjetivismo individualista], nem pelo ato psicológico de sua produção [atividade mental], mas pelo fenômeno social da *interação verbal*, realizada pela *enunciação* [enunciado] ou pelas *enunciações* [enunciados] (MEURER, BONINI, MOTTA-ROTH, 2005, p.155).

Essa interação verbal é constituída pela realidade da língua, a sua existência, que encontra-se na comunicação discursiva concreta que está vinculada a situação social rápida e extensa.

Dentre o conceito apresentado sobre o que é gênero, destacam-se as diversidades existentes, a comunicação social e a prática de linguagem na sala de aula, a escola deve ser o meio propulsor do desenvolvimento de troca social por meio deles. Para tanto, precisa ser um local onde haja mais comunicação, que os alunos se encontrem em várias situações, correlacionadas à escrita e oralidade ocasionando as produções de textos e possibilitando o reconhecimento e prática de gêneros e formas linguísticas. Como é possível ser comprovado na citação abaixo:

A situação de comunicação é vista como geradora quase automática do gênero, que não é descrito, nem ensinado, mas apreendido pela prática de linguagem escolar, por meio dos parâmetros próprios à situação e das interações com os outros. A naturalização é aqui de uma outra ordem: o gênero nasce naturalmente da situação (ROJO, SALES, 2004, p. 67).

O professor, priorizando o ensino de gênero textuais em sala de aula fará com que os alunos tenham um conhecimento vasto, pois poderão ter a compreensão do que é visto e falado no cotidiano, por meio dos gêneros expressados no dia-a-dia, pois geralmente a maioria não sabe qual texto está sendo estudado.

A prática escolar deve ser sempre levada à reflexão para avaliar como o objeto de ensino está sendo tratado didaticamente e, segundo o resultado dessa observação, levar a uma mudança ou continuidade da metodologia até então usada. O PCN (1998) coloca que:

Considerando que o tratamento didático não é mero coadjuvante no processo de aprendizagem, é preciso avaliar sistematicamente seus efeitos no processo de ensino, verificando se está contribuindo para as aprendizagens que se está contribuindo para as aprendizagens que se alcançar. Por exemplo, o conteúdo selecionado pode ter recebido tratamento didático inadequado e, desse modo, os efeitos pretendidos podem não ter sido atingidos; a atividade

realizada pode ter sido muito interessante, mas não ter sido atingidos; a atividade realizada pode ter sido muito interessante, mas não ter permitido a apropriação do conteúdo e, nesse caso, os resultados podem não ser satisfatórios; os conteúdos selecionados podem não corresponder às necessidades dos alunos – ou porque se referem a aspectos que já fazem parte de seu repertório, ou porque pressupõe o domínio de procedimentos ou de outros conteúdos que não tenham, ainda, se constituído para o aprendiz -, de modo que a realização das atividades pouco contribuíra para o desenvolvimento das capacidades pretendidas (BRASIL, 1998, p.66).

Desse modo, o ensino/aprendizagem em geral de qualquer conteúdo deve ser adequado a realidade dos alunos, para que assim consigam progredir e compreender as funções sociais dos variados conteúdos, na vida cotidiana de cada aluno.

Percebe-se, pois, que o ensino dos gêneros textuais, associado aos demais conteúdos, devem ser bastante privilegiados em sala de aula, para que os alunos possam diferenciar e conceituar as diversidades de textos existentes e, além disso, saber praticá-los nas instâncias sociais em que atuarem.

Além dos novos conteúdos a serem apresentados, a frequência as diferentes textos de diferentes gêneros é essencial para que o aluno construa os diversos conceitos e procedimentos envolvidos na recepção e produção de cada um deles. Dessa forma, a rerepresentação dos conteúdos é, mais do que inevitável, necessária, e a ela devem corresponder sucessivos aprofundamentos, tanto no que diz respeito aos gêneros textuais privilegiados quanto aos conteúdos referentes às dimensões discursiva e lingüística que serão objeto de reflexão (BRASIL, 1998, p.67)

Os gêneros textuais são bastante diversificados, podem ser orais e escritos, apesar de os primeiros serem uma nova inserção no ensino em comparação com as abordagens da escrita. Mas é justamente a menor abrangência dos gêneros orais do que escritos na sala de aula que se aborda no próximo tópico, afinal têm papel tão relevante quanto os demais. Assim, a intenção é mostrá-los como objetos de ensino, focalizando o debate com suas características e contribuições para as habilidades dos alunos.

1.3 Gêneros Oraís como objetos de ensino

No cotidiano, usa-se mais a fala e a escuta, do que a escrita e a leitura, mas no ensino essa situação é invertida a escrita tem maior privilégio que a fala, o que pode ser observado nos livros didáticos, que visam maior atenção nos gêneros escritos. Como pode-se constatar.

Em nosso dia-a-dia, falamos e escutamos muito mais do que escrevemos ou lemos; contudo, no ensino, a situação se inverte e a escrita assume a primazia sobre a fala. Tal situação pode ser facilmente constatada ao observarmos os livros didáticos e a pouca atenção que dedicam ao ensino de gêneros orais (Marcuschi, 2001 b; Bueno & Abreu, 2008). Apesar disso, notamos nos últimos anos que vários teóricos vêm nos fornecer abordagens de como analisar e ensinar gêneros textuais nas escolas, uma vez que é por meio dos gêneros que interagimos no oral e no escrito e não por meio de palavras ou frases soltas (BUENO, 2009, p.10).

Pode-se notar que a partir das abordagens feitas por Bueno, que nos últimos anos, há teóricos que fornecem análises e ensino dos gêneros textuais no meio escolar, compreendendo que os gêneros são meios de interação tanto oral, como escrita.

O gênero textual é uma forma de comunicação, tudo o que se expressa e escreve em um determinado local pode caracterizá-lo em suas diferentes composições, então os professores devem ensinar que determinada ação comunicacional poderá ser desenvolvida por um gênero específico, levando o aluno a desenvolver suas capacidades na linguagem.

Dessa forma, se queremos ensinar os nossos alunos a agirem na sociedade por meio da linguagem, precisamos ensinar-lhes a usar os gêneros textuais, orais ou escritos, adequados a cada situação de comunicação; assim, ensinando os gêneros, levaremos nossos alunos desenvolverem as capacidades de linguagem (BUENO, 2009, p.10).

Pode-se perceber que este é um instrumento que encontra-se entre pessoa que pratica a ação e a situação em que se pratica, que vai determinar o posicionamento do indivíduo, fazendo com que diferencie a situação que está agindo. Como Schneuwly; Dolz relata “Os instrumentos encontram-se entre o indivíduo que age e o objeto sobre o qual ou situação na qual ele age: eles determinam seu comportamento, guiam-no, afinam e diferenciam sua percepção da situação na qual ele é levado a agir.”(2004, p.21).

O gênero oral apesar de ser um gênero muito presente na nossa vida social, nas práticas em sala de aula é pouco visado, os professores se preocupam com certos conteúdos que julgam mais importantes para os alunos, dando menor atenção a outros que também podem ajudar os alunos futuramente na universidade, por exemplo, que é comunicação oral, a oralidade aborda todo o tipo de comunicação que faz com que possa se portar corretamente na fala de um determinado assunto com finalidades específicas. Bueno ressalta como PCN a inserção do gênero textual no ensino/aprendizagem.

Os PCNs corroboram a mesma indicação ressaltando o fato de que o ensino deve levar o aluno a tornar-se um cidadão; o domínio de gêneros, por sua vez, terá uma importância nesse processo de inserção na sociedade, já que será por meio do uso de gêneros adequados a cada situação que o aluno

conseguirá se colocar diante de seus interlocutores como ouvinte/leitor ou falante/escritor. Nos PCNs, enfatiza-se a necessidade de que se trabalhe com gêneros escritos e orais (BUENO, 2009, p.12).

Tendo a perspectiva que o gênero não é somente um modelo de comunicação, mas também um objeto de ensino-aprendizagem que é usado em sala de aula, deve-se observar se estão sendo ou não percebidos ou reconhecidos pelos professores.

A particularidade da situação escolar reside no seguinte fato que torna a realidade bastante complexa: há um *desdobramento* que se opera em que o gênero não é mais instrumento de comunicação somente, mas é, ao mesmo tempo, objeto de ensino-aprendizagem (SCHNEUWLY, DOLZ, 2004, p. 65).

Apesar de toda dificuldade de inserção do gênero oral na sala de aula, ressalta-se que de toda forma de comunicação em determinada situação poderá surgir um gênero, isto é, os gêneros são objetos do ensino, mas ao mesmo tempo fazem parte das práticas diárias, de modo que já são usados por todos, cabendo ao professor conscientizar o usuário da língua desse fato, bem como de esclarecer as características e objetivos de cada gênero por ele utilizado.

A situação de comunicação é vista como geradora quase automática do gênero, que não é descrito, nem ensinado, mas aprendido pela prática de linguagem escolar, por meio dos parâmetros próprios à situação e das interações com os outros. A naturalização é aqui de uma outra ordem: o gênero nasce naturalmente da situação (SCHNEUWLY, DOLZ, 2004, p. 67).

Percebe-se que qualquer situação em que se usa a fala poderá ser criada uma forma de gênero, portanto são adquiridos pela prática de interação social, não necessariamente são ensinados pelo professor, o qual tem o papel de ampliar essa noção e sistematizar suas características para uma efetiva atuação com determinado gênero.

O ensino do gênero oral na sala de aula, ajuda o aluno desenvolver diversas áreas da oralidade, as quais: saber dialogar em um determinado assunto, não ser inibido, usar a comunicação para dar opiniões em situações que precisem expor seu ponto de vista e imporem-se; com o professor desenvolvendo a oralidade, o aluno poderá desenvolver diversas habilidades e capacidades de comunicação.

1.3.1 O gênero debate

Partindo-se do pressuposto de que é importante explorar os gêneros orais, referindo-se a comunicação oral dentro de um determinado círculo social, a escola tem o papel de trabalhar diariamente, por exemplo, o debate, pois irá expor aos alunos um referido assunto, e instigá-los a emitirem sua opinião, dando lugar a discussões pertinentes, levando o aluno a se expressar frente a um tema. E também pode se mencionar o seminário, pois é apresentação oral, que expõe fatos, o qual também é cotidianamente usado.

Nessa perspectiva, pretende-se, igualmente, focar um dos gêneros próprios da oralidade: o debate. Sobre este, serão pontuadas suas características básicas, tais como: por em análise, argumentar e discutir. O debate é um gênero conhecido por todos, e podemos perceber no trecho abaixo qual objetivo do debate:

[...] o objetivo de um debate é sempre uma questão social controversa para a qual soluções diversas são previstas; o debate pode, então, ser concebido, idealmente, como um instrumento de construção coletiva de uma solução (Klein, 1980); tendo posições diferentes em relação à questão colocada, porém não necessariamente contraditórias, cada participante do debate pressupõe nos outros - participantes ou ouvintes (ROJO, SALES, 2004, p. 72).

Portanto, o estudo desse gênero, nos dias de hoje é indispensável: faz com que o aluno exponha sua opinião, frente a um assunto, perca a inibição e se sinta a vontade para expressar-se melhor em outros assuntos, até mesmo em outras matérias, trazendo benefícios, para seus estudos futuros, no qual vão se deparar com diversas discussões.

Os gêneros orais são formas de enunciados, que são estabelecidas por meio da fala, sempre respeitando as direções dos indivíduos no momento da enunciação, apesar das diferenças da fala e escrita, eles convivem e auxiliam nos processos comunicativos.

[...] entendemos os gêneros orais como as várias formas de enunciado, que se estabelecem interativamente por meio da fala, respeitando se as posições e as idiosincrasias dos componentes do jogo enunciativo. Não se perpetuam na dicotomia fala-escrita, mas são co-construídos nos inúmeros domínios discursivos existentes e, por assim dizer, constituem os mais próximos representantes de um modelo ideal de interação (CRUZ, 2012, p.42).

Em meio ao estudo da oralidade, pode se ressaltar o debate, como uma forma de comunicação oral, que faz com que se discuta e opine em determinado assunto que é proposto pelo professor em sala de aula. Rosa aponta qual objetivo de trabalhar o debate em sala de aula.

...o *debate* também tem como o objetivo de trabalhar as capacidades argumentativas dos alunos, ao mesmo tempo em que poderíamos cultivar valores como respeito pela opinião do outro e polidez nos atos de falar e ouvir (ROSA, 2010, p.159).

O professor ao propor um conteúdo deve ter em mente, qual tema escolher para que os alunos possam discutir e interagir, ou seja, um assunto que eles possam expressar a sua opinião.

Portanto, essa inserção da oralidade contribui tanto para ampliar a competência comunicativa, como para que os alunos percebam as diversas maneiras de adequarem a língua em uma situação de comunicação real.

A abordagem escolar da oralidade intensificou-se a partir de 1997 com as propostas dos PCNs (Brasil, 1999) que incluíam reflexões pedagógicas para desenvolver as habilidades de comunicação oral nas aulas de língua materna: foco na competência comunicativa para que os alunos possam perceber os diferentes efeitos de sentidos e as diferentes adequações da língua às situações comunicativas reais (SERAFIM, 2011, p.29).

A oralidade é uma competência que o aluno tem, mas que deve ter maior desenvolvimento, isto é, cabe ao espaço escolar propiciar isso. O trabalho com o debate é uma das possibilidades, pois tem como principais características a argumentação e a discussão, levando os educando a praticarem momentos efetivamente próximos a isso.

A comunicação oral é uma forma de expor seu conhecimento, como se percebe no trecho abaixo em que o autor ressalta que no momento da exposição de um fato o aluno, de certa forma, toma lugar do professor, e passa ser mediador de conhecimento, apresenta todo o conteúdo que havia estudado, para os outros, colegas e assim aprendendo, ensinando.

A exposição constitui, de fato, uma estrutura convencionalizada de aprendizagem – tanto para o expositor como para o auditório -, na qual um aluno, de certa maneira, toma lugar do professor e experimenta esse mecanismo particular e bem conhecido, expresso no dito “é ensinando que se aprende” (SCHEUWLZ, DOLZ, 2004, p.186).

No debate, o aluno vai realizar diversas atitudes, que vai expor toda forma de conhecimento sobre determinado assunto, e ao mesmo tempo, adquire conhecimento, pois os outros alunos vão apresentar as suas concepções, que vão ajudá-lo a esclarecer as dúvidas que tinha, e a dos outros. Segundo Rosa, em sua pesquisa feita em uma escola no Paraná que adotaram o gênero, como um conteúdo de grande relevância para a comunicação “...o gênero *debate* foi escolhido por fazer parte tanto da esfera social da escola, como de outras situações do cotidiano dos alunos” (2010, p.158).

O debate é forma de comunicação que pode fazer parte desse círculo social, que possa a escola adotar esse conteúdo, para ajudar os alunos nas diversas áreas da comunicação tanto dentro da escola, como em situações do dia a dia. E no próximo capítulo dessa pesquisa será feita uma análise de como este está sendo tratado no livro didático; primeiramente será

observado se há a abordagem, posteriormente, se houve, como ela é feita, para refletir se realmente favorecem o desenvolvimento das competências e habilidades esperadas.

CAPÍTULO 02 ABORDAGEM DO GÊNERO ORAL DEBATE NOS LIVROS DIDÁTICOS

Neste segundo capítulo é analisado o livro de didático como instrumento de ensino e avaliam-se as suas contribuições no desenvolvimento das competências e habilidades sugeridas pelos guias curriculares. Para tanto, aborda-se, especificamente o gênero *debate*, o qual é instrumento de desenvolvimento de discussões e opiniões diferentes sobre um referido assunto. Assim sendo, faz-se uma análise do livro didático do Ensino Fundamental do 9º ano, explorando o referido gênero, pesquisado em diferentes coleções de livros, para verificar se todos os livros postos em análise carregam essa abordagem.

2.1 *Por que analisar o livro didático?*

O livro didático é instrumento de ensino ainda muito discutido pela sua forma de abordagem dos conteúdos; no que concerne ao papel do livro de didático no ensino/aprendizagem, muitos autores avaliam e analisam, variando essa perspectiva de acordo com as abordagens linguísticas que vão surgindo.

Se nos tivermos sobre o conjunto de princípios e critérios que, em sucessivas reformulações, tem orientado a Avaliação do LDP¹, percebemos facilmente que se configuram com o fruto legítimo, ainda que tardio, da “virada pragmática” no ensino. Muito sucintamente, podemos caracterizar essa virada como uma brusca mudança na concepção do que seja “ensinar língua materna”, determinada por um conjunto articulado de orientações teóricas e/ou metodológicas surgidas nas concepções tanto de ensino quanto da linguagem que compõem esta área acadêmica (DIONÍSIO, 2001, p. 8-9).

O autor ainda comenta que pode se caracterizar que essa virada pragmática seja uma mudança repentina em relação à língua materna, pois no círculo de ensino surgem alguns questionamentos sobre as práticas impostas no que diz respeito à aprendizagem através do livro didático.

¹ Livro Didático de Português

Para o livro didático chegar ao aluno passa por várias etapas, ou seja, uma coleção antes de tudo tem que ser aprovada por diversos órgãos antes chegar à escola. Para que o professor trabalhe todos os gêneros e as tipologias textuais, precisa-se que o livro seja atualizado, por isso é analisado por diversas instituições especializadas e, posteriormente, o Ministério da Educação repassa essas coleções para as secretarias de cada regional, as quais os encaminham para escola.

Sobre as etapas por que passam os livros, vale a pena destacarmos a questão da avaliação pedagógica. Para tratar disso, recorreremos ao Edital de Convocação (Ministério da Educação, 2002) e ao Projeto de Avaliação de Livros Didáticos (Ministério da Educação, 2001). As obras didáticas inscritas no PNLD e aprovadas no processo de triagem pela Comissão Especial de Recepção e Triagem, são encaminhadas para a Secretaria de Educação Fundamental (SEF) que, por sua vez, define os princípios e os critérios para a avaliação pedagógica das obras. Para isso, a SEF estabelece as seguintes estratégias: formam-se equipes de especialistas das áreas do conhecimento, com experiência docente; cada equipe possui um coordenador e um assessor, que desenvolvem a análise e a avaliação junto aos especialistas-pareceristas; os especialistas elaboram resenhas dos livros aprovados, que passam a compor o Guia de Livros Didáticos. Esse último é enviado para as escolas para subsidiar a escolha do livro didático pelos professores (WITZEL, 2012, p.18).

O livro didático, quando chega à escola, espera-se que ele seja completo, pois passa por diversas etapas para ser aprovado. Um dos programas que são utilizados para aprovação do livro é o Plano Nacional do Livro Didático (doravante PNLD), que analisa e faz pontuações sobre os pontos fortes e fracos de determinadas coleções. O PNLD explica os critérios que esse material deve ter para dar um bom suporte ao professor.

O Manual do Professor deve visar, antes de mais nada, a orientar os docentes para um uso adequado da coleção, constituindo-se, ainda, num instrumento de complementação didático-pedagógica e atualização para o docente. Nesse sentido, o Manual deve organizar-se de modo a propiciar ao docente uma efetiva reflexão sobre sua prática. Deve, ainda, colaborar para que o processo de ensino-aprendizagem acompanhe avanços recentes, tanto no campo de conhecimento do componente curricular da coleção, quanto no da pedagogia e da didática em geral (PNLD, 2011, p14).

Esses avanços foram graduais, à medida que foram acontecendo as reflexões sobre as práticas didático-pedagógicas, a formação do professor, a metodologia, conseqüentemente, o próprio livro didático foi transformando. Diante disso, não se pode esquecer do velho e do novo, que mudanças há entre o antes e o agora?

O livro didático era baseado nas questões relacionadas na gramática, os professores apesar de terem mudado a maneira do ensino, ainda era bastante utilizado o ensino desta teoria em sala de aula. “Nessa época, vale dizer, a concepção de linguagem e, portanto, de

ensino da língua portuguesa que iluminava a prática pedagógica dos professores, era a tradicional, isto é, ensinar língua significava, basicamente, ensinar a teoria gramatical” (WITZEL, 2012, p.24). Isso mostra que a concepção que se tem de linguagem influencia diretamente em suas abordagens.

Ao longo do tempo, o ensino da língua sofreu mudanças, tanto nas abordagens pedagógicas, quanto no livro didático, os órgãos especializados na avaliação do livro viram que não bastava saber a gramática tradicional, o aluno deveria saber muito mais da língua. Isso fez com que os objetivos do ensino da Língua Portuguesa fossem repensados.

A partir dos anos oitenta, a produção intelectual da lingüística passa a exercer grande impacto sobre as propostas de ensino, pois muitas explicações sobre o fenômeno da linguagem revelaram-se pertinentes e necessárias para a prática de ensino de língua materna. Com o surgimento de novos modelos de análise de linguagem, rejeita-se o dogmatismo do ensino da gramática tradicional, em particular do ensino da nomenclatura gramatical. Reconhecendo-se como redutora a idéia segundo a qual a linguagem seria apenas “instrumento de comunicação”, assume-se uma visão mais dinâmica e interativa da língua (WITZEL, 2012, p.27).

Essas pontuações em relação do ensino pelo livro didático de Língua Portuguesa, passaram a ser base para escolha do livro, para que se tenha uma aprendizagem mais eficaz nas aulas LP, criando momentos de maior satisfação na aplicação da disciplina em sala de aula. Existem alguns aspectos específicos para que isso se efetive, tais como:

a) adoção do texto como unidade básica de ensino; b) produção lingüística tomada como produção de discursos contextualizados; c) noção de que os textos distribuem-se num contínuo de gêneros estáveis, com características próprias e são socialmente organizados tanto na fala como na escrita; d) atenção para a língua em uso, sem se fixar no estudo da gramática como um conjunto de regras, mas frisando a relevância da reflexão sobre a língua; e) atenção especial para a produção e compreensão do texto escrito e oral; f) explicitação da noção de linguagem adotada, com ênfase no aspecto social e histórico; g) clareza quanto à variedade de usos da língua e variação lingüística (WITZEL, 2012, p.28).

Vale ressaltar que o livro de didático é instrumento, utilizado como eixo para as práticas na sala de aula, e o que é inovado nele, refletirá nas práticas do professor, tanto na escrita e na oralidade. A oralidade é um dos gêneros que ainda sofrem inovações, porque segundo algumas leituras na área não é tão trabalhado quanto a escrita, há menos momentos de oralidade sistematizada em sala de aula. Contudo, considera-se igualmente que a postura quanto a isso, começou a acontecer, no livro e na prática.

Por que não fazer das situações de ensino um momento de interação planejada, se já sabemos que é preciso interagir com o objeto de conhecimento e com outros parceiros, para aprender? Por que ignorar as crenças e as hipóteses do aprendiz, se é com base nelas que o sujeito elabora

o conhecimento novo? Por que não levar as práticas de ensino a tirarem parte significativa de sua força e eficácia dos movimentos do próprio aprendiz em seu previsível esforço por aprender? Por que insistir em práticas de ensino que, por mais bem intencionadas que sejam, andam na *contramão da aprendizagem*? (DIONÍSIO, 2001, p.9).

Em consequência disso que as habilidades e competências na escrita e na leitura da língua, tornaram-se questionáveis, tanto em sua teoria, quanto na metodologia. Assim, os professores passaram a encarar os seus alunos de outra forma, como um sujeito ativo que sabe do seu próprio papel, que determina o seu contexto e situação para uma satisfatória aprendizagem.

No ensino da língua materna na escola, houve confrontações com fato de que, os professores teriam que ensinar o uso não cotidiano da língua, excluindo as variações linguísticas presentes nela. E essa confrontação impulsionou o enfrentamento com a ética e da didática pedagógica.

- revelar e discutir as determinações históricas, políticas e sociais que atribuíram, a apenas uma das variantes da língua, o lugar social e o prestígio de que desfruta;
- combater os mitos e preconceitos linguísticos que agem no sentido de excluir as variantes não padrão da cidadania linguística (DIONÍSIO, 2001, p.12).

Segundo Dionísio, o ensino da língua são as possíveis respostas para os questionamentos feitos sobre a aprendizagem e linguagem que foi convencionalizado a chamar de ensino tradicional, pois o LDP² tem trabalhado para uma virada pragmática nos critérios de avaliação. Com essa virada pragmática os critérios em análise pontuam que cada LDP inscrito no programa oferece ao professor e ao aluno suportes didáticos aos desafios dessa mudança.

- oferece ao aluno textos diversificados e heterogêneos, do ponto de vista do gênero e do tipo de texto, de tal forma que a coletânea seja o mais possível representativa do mundo da escrita;
- prevê atividades de leitura capazes de desenvolver no aprendiz as competências leitoras implicadas no grau de proficiência que se pretende levá-lo a atingir;
- ensina a produzir textos, por meio de propostas que contemplem tanto os aspectos envolvidos nas condições de produção, quanto os procedimentos e estruturas próprios da textualização;
- mobiliza corretamente a língua oral, quer para o desenvolvimento da capacidade de falar/ouvir, quer para a exploração das muitas interfaces entre oralidade e escrita;
- desenvolve os conhecimentos linguísticos de forma articulada coma as demais atividades (DIONÍSIO, 2001, p.13).

² Livro Didático de Português

A avaliação do LPD está em andamento, pois precisa da participação do MEC, mas também do PNLD e de todos os professores envolvidos nessa virada pragmática, por isso os critérios de avaliação têm que estar em sintonia.

2.2 Gênero oral debate e o livro didático: por uma análise crítica

O livro neste momento é posto em análise, foram escolhidas três coleções e delas retiradas apenas livros didáticos do 9º ano sobre os quais pretende-se apresentar como a oralidade é trabalhada, em foco o gênero debate. “O gênero não aparece como tal no processo de aprendizagem; ele não é um instrumento para o escritor que reinventa cada vez a forma linguística que lhe permite a comunicação (ROJO, CORDEIRO, 2010, p.67)”. Neste contexto o gênero, somente será aprendido se for estudado, pois só se aprende escrever escrevendo, no mesmo caso o debate, que só vai aprender debatendo em situações de comunicação ocasionadas pelo professor. As coleções escolhidas foram *A Arte da Palavra* (2009), *Diálogo* (2009) e *Tecendo Linguagens* (2012).

2.2.1. Análise da coleção Arte da Palavra

De acordo com análise feita no PNLD a coleção “A Arte da Palavra” é uma coletânea em que há diversidade; ela trabalha literatura; na leitura desenvolve parte do que pode oferecer, deixando de lado alguns pontos importantes para se fazer um aluno leitor; dedica maior lugar para o gênero e as produções de textos escritos, contribuindo na elaboração do tema e na explicação do gênero, para então a elaborar o texto. Além disso, explora os conhecimentos linguísticos e foca a estrutura da língua só que há presença de uma visão textual escrita.

Neste livro didático há um capítulo que trabalha o debate. Nele, primeiro faz-se uma apresentação do trabalho no decorrer do capítulo, que são os textos para aprendizagem, as leituras para os alunos fazerem para ter um conhecimento antes do trabalho, que consistirá em aprender como funciona o debate público; no final do capítulo ainda estuda-se a gramática.

O primeiro texto é “Da discussão ao debate”, relata que o ato de convencer é um dos desafios que há no cotidiano, afinal as pessoas usam argumentos que convençam os pais, professores e amigos, sobre algo que se quer.

Os argumentos fazem parte da vida, tanto que os meios de comunicação tentam convencer diariamente sobre comprar produtos e ou até mesmo seguir diferentes pontos de vista. E quando certos tipos de discussões ficam públicas, conseqüentemente, tem-se um debate. O ato de debater é ter uma opinião em um tema diante do público, mesma que se seja oposta e para sustentá-la precisa saber a fundo o que é tratado.

[...] ele funciona como eventos que colocam, numa luta sem piedade, oponentes que tentam, por todos os meios – particularmente pela persuasão, pela teatralização, pelo sensacionalismo, pela verbalização de insultos e até de semiverdades, ou ainda , pela contradição – dominar, quiçá ridicularizar, o adversário (ROJO, CORDEIRO, 2010, p.67).

Nesse sentido, o livro traz textos polêmicos para que posteriormente se possa trabalhar o debate. Do lado direito da página observa-se a seção “Para discutir” com três perguntas questionando sobre três temas: *produtos transgênicos*, *uso de estrangeirismos na língua portuguesa* e *a internet*, que irão ser trabalhados no decorrer do capítulo. Observa-se nesse ponto que há uma diversidade temática na exploração dos textos e que, portanto, constituirão o debate ao final do módulo.

A leitura 1 é um texto para o conhecimento do tema *alimentos transgênicos*, com título “Transgênicos em debate”, o qual está subdividido em “Os Organismos transgênicos” e “Mas o que são plantas transgênicas?”. O primeiro subtítulo relata sobre o cultivo das plantas transgênicas que se iniciou desde 1970, através de pesquisas científicas, sendo utilizadas na medicina (em remédios), na produção de vacina, em produtos de usos industriais, como detergentes e sabão em pó. Evidencia que pesquisadores produziram plantas capazes de sobreviver às pragas ou a diferentes climas.

O segundo subtítulo mostra como são os seres vivos criados artificialmente, relata-se que podem passar genes de um organismo para outro. Destaca-se nesse ponto a polêmica, pois há preconceito nessa transferência de genes, algumas pessoas falam que essa troca pode causar problemas na saúde dos seres humanos ou no meio ambiente. Logo após têm algumas questões para estudo do texto, que questionam sobre os organismos transgênicos, os genes, as proteínas, induzem a comparações e à reflexão acerca da crítica às plantas transgênicas. Estas questões interpretativas são de grande valia e ajudam os alunos a conhecer melhor o que está tratado no texto.

A leitura 2 é uma reportagem que trata do mesmo tema, mas de modo diferente, com título “Comida Frankenstein”, relata que para os ecologistas essa mudança genética nos alimentos, tornaram-se vilões, pois há benefícios e também perigos, tanto em relação ao mercado como à saúde; mas para os cientistas esses alimentos transgênicos, ao contrário, é salvação tanto para medicina quanto para o mercado.

De acordo com Dolz (2004, p. 224) “[...] o tema escolhido devia realmente permitir uma controvérsia a propósito da qual coexistem opiniões diferentes e mesmo opostas”, dessa maneira, as atividades conduzem-se coerentemente, pois expuseram textos com visões diferentes sobre o mesmo assunto para que os alunos possam posicionarem-se.

Na sequência há questões para estudo do texto, que questionam o desenvolvimento dos transgênicos, os problemas causados por eles, pede para falar de alguns pesquisadores que foram citados na reportagem; nessa leitura, algumas questões voltam-se puramente para conceitos de palavras usadas no texto e outras para interpretação, que ajudam os alunos a tratar melhor o tema.

Na próxima leitura está presente um texto com seguinte título “A divulgação científica” explicando o que são textos expositivos, conceituando e comentando o que ele provoca no leitor, de modo que cita como exemplo as leituras anteriores sobre os alimentos transgênicos. Posteriormente as atividades, em seu enunciado explicam sobre os textos expositivos, acompanhado de um gráfico que facilita a compreensão do leitor. Primeiramente observa-se um pequeno texto “Plantar ou não plantar transgênicos?” seguido do gráfico expondo argumentos a favor e contra aos transgênicos. Relacionadas a este trabalham-se algumas questões concernentes aos argumentos e opiniões utilizados sobre o assunto. Nesta atividade, o aluno já começa a ter noção do que são posicionamentos, pois já desenvolve atividade em grupo e dá sua opinião contra ou a favor ao assunto. E encerra-se aqui, este tema sobre transgênicos.

A leitura-3 é o texto “A língua portuguesa como direito”, do ex-deputado Aldo Rabelo que relata um assunto polêmico sobre o uso de estrangeiros na Língua Portuguesa, ele explica o motivo de ter apresentado um projeto de lei no Congresso, “defendo a Língua Portuguesa”, e contrariando o uso excessivo do estrangeirismo. Ao final, podem-se observar questões interpretativas acerca do objetivo principal desse projeto de lei, bem como o que levou o ex-deputado a realizá-lo e a pensar a língua influenciada pelas palavras estrangeiras utilizadas, ponderando se o uso desta linguagem aumentaria a desigualdade social. A partir disso, o aluno passa a ampliar suas perspectivas sobre o tema, o que poderá ajudá-lo bastante em entender e formar uma opinião a respeito.

A leitura-4 é um ensaio, com o título “A fatia estrangeira do idioma”, de José Luis Fiorin, ele mostra os variados modos de enfrentar os estrangeirismos, convivendo pacificamente com essa variação em nossa língua. O trabalho com este é finalizado com questões interpretativas que remetem ao uso do estrangeirismo, as variações linguísticas, a mudança da língua, expressar argumentos contra o uso excessivo do estrangeirismo, objetivos da construção da língua, bem como a dar sua opinião sobre o assunto. Portanto, vê-se que a atividade dá suporte ao aluno para argumentar, pois faz com que o mesmo expresse a sua visão e comece a desenvolver sua argumentação.

Na próxima leitura, nota-se a seção “Língua em uso” com o título “Estrangeirismos”, explica de onde originou-se a Língua Portuguesa, para evidenciar sua heterogeneidade desde sua constituição. No lado esquerdo da página há uma tirinha que representa o quanto as novas gerações estão cada vez mais ligadas ao estrangeirismo, pois a utilização de certas palavras de nossa própria língua, já não são mais compreensíveis a eles. E abaixo tem algumas questões, em relação ao texto, que remetem ao uso do estrangeirismo, por meio das quais o aluno terá que expressar a sua opinião. Dolz defende que:

[...] debater não é desdobrar habilidades de linguagem a respeito de qualquer temática; é construir uma questão controversa no interior dessa problemática; é construir por meio da linguagem, intervenções que ganham o estatuto de argumento (deste ou daquele tipo), de refutação, etc (DOLZ, 2004, p. 227)

Pode-se perceber que com o estudo dos textos e as questões, o aluno no final das leituras estará com uma opinião formada sobre o assunto, afinal foram oferecidos a ele textos com diferentes abordagens e argumentos de um mesmo assunto; isso o beneficiará no momento em que for trabalhado o gênero (*debate*).

A situação de comunicação é vista como geradora quase automática do gênero, que não é descrito, nem ensinado, mas aprendido pela prática de linguagem escolar, por meio dos parâmetros próprios à situação e das interações com os outros. A naturalização é aqui de uma outra ordem: o gênero nasce naturalmente da situação (ROJO, CORDEIRO, 2010, p.67).

A partir das atividades, pode-se perceber que o debate está sendo trabalhado de forma espontânea, sem regras, mas que cada aluno transmita a sua opinião sobre determinado assunto. Pode-se dizer que segue o padrão de uma sequência didática, pois inicialmente amplia o conhecimento de mundo do alunado para depois sistematizar uma produção, neste caso, oral.

Seguindo a proposta, observa-se o texto *Textos opinativos*, que explica a palavra argumento e seus respectivos significados, além de focar a intenção desse elemento textual,

isto é, o convencimento do leitor. Para tanto, na mesma página há uma seção intitulada como “Estratégias de persuasão”, a fim de explicar o ato de persuadir em relação à opinião ou argumento.

Depois destas leituras e explicações, o livro começa a passar algumas definições e análises de debate, norteando-se pelos seguintes questionamentos: como fazer? O que é? Quais as características?. A seção “Mão na Massa”, começa a explicar o objetivo do debate e associá-lo a programas de televisão, rádio que falam sobre diversos assuntos, com o intuito de que o aluno observe como este gênero oral acontece no seu dia a dia.

No texto explora-se o funcionamento do debate, a partir de algumas orientações, o estudante escolherá dois ou três programas de televisão para analisar de acordo com questões de orientação, a primeira o aluno observa como é o debate na tevê, respondendo alguns questionamentos:

- Como eles são organizados?
- Há presença de um moderador?
- Quais são os temas debatidos?
- A que público são destinados?
- Em que faixa de horário são veiculados? (OLIVEIRA, RODRIGUES, CAMPOS, 2009, p. 60)

Segunda questão orienta para analisar como é postura dos debatedores:

- Quem são eles? Que atividade ou profissão exercem?
- Os participantes escutam o que dizem seus oponentes? Levam em consideração a sua fala para, depois, reforçá-la ou refutá-la?
- Há respeito entre os debatedores? O clima é harmonioso ou agressivo?
- Quando os debatedores expõem seus argumentos, olham para a câmera ou para os oponentes? Eles parecem se dirigir mais ao público ou a seus oponentes?
- Os debatedores trazem consigo fichas nas quais têm anotações? Eles tomam nota do que dizem seus oponentes enquanto estes falam?(OLIVEIRA, RODRIGUES, CAMPOS, 2009, p. 60)

Já a terceira, avaliar qual é função do moderador:

- O moderador parece conhecer o tema sobre o qual os debatedores discutem?
- Ele apoia algum dos debatedores ou busca ser imparcial?
- Quais são as atitudes do moderador ao longo do debate? (OLIVEIRA, RODRIGUES, CAMPOS, 2009, p. 60)

A quarta orientação é discutir sobre os debates, em classe o professor irá fazer indagações sobre os debates assistidos e escrever numa folha conclusões que tirou dessa discussão e entregar aos alunos. Do lado esquerdo da referida página nota-se uma bancada de

um programa de futebol chamado “Jogo Aberto” que, diariamente no horário do almoço, fazer debates em relação aos jogos de futebol.

Posteriormente há um texto com título “O debate” que relata que argumentação está presente no cotidiano em vários momentos: na política, publicidade, nos jornais, pois expressam opiniões sobre determinados assuntos e quando se tornam públicos, daí então tem-se a iniciativa para um debate.

O debate é dividido em diferentes tipos, “ debate deliberativo, por exemplo, as pessoas tomam decisões em conjunto... (OLIVEIRA, RODRIGUES, CAMPOS, 2009, p. 61)”, que discute-se em conjunto os interesses e necessidades de um assunto. Há também o “...debate para resolução de problemas permite a elaboração de soluções coletivamente, por meio da discussão de questões e hipóteses que os participantes vão levantando em conjunto” (OLIVEIRA, RODRIGUES, CAMPOS, 2009, p. 61), permitindo encontrar soluções em coletivo, Já o “... debate de opinião traz a tona crenças e opiniões dos debatedores” (OLIVEIRA, RODRIGUES, CAMPOS, 2009, p. 61), de modo que o debatedor influencia os ouvintes para que os mesmos modifiquem a sua própria opinião. E o último são os “ debates políticos, como os que ocorrem entre candidatos que disputam uma eleição (OLIVEIRA, RODRIGUES, CAMPOS, 2009, p. 61).”, em geral, debate político, que acontece entre candidatos que disputam as eleições, mas têm que seguir certas regras.

Feita essa classificação, observam-se duas seções explicativas: a primeira voltada para o papel do moderador, explicando o que ele representa, ou seja, dá andamento aos questionamentos, introduz o assunto, organiza as intervenções, orienta, fazendo questões de acordo com tema. A título de exemplo, há imagem de um debate político de candidatos a presidência de 2006. E a segunda seção, “Os golpes baixos no debate”, relata as táticas usadas para atacar o oponente e denegrir sua imagem, levantando interpretação falsa e, às vezes, com o simples objetivo de desqualificar o adversário.

O próximo texto “A oralidade formal”, aborda-se o uso da língua oral em diversos momentos, e que nessas situações precisa se estar preparado para saber opinar e debater em seu favor, como em entrevistas de emprego, conversas, seminários e o próprio debate: “é essa variação de debate que corresponde, igualmente, às finalidades da escola e que permite o desenvolvimento de capacidades de linguagem, particularmente, argumentativas, essenciais (SCHNEUWLY, 2004, p. 72)”. O mesmo texto ainda explicita algumas sugestões de elementos linguísticos para fazer a introdução e a sustentação de opiniões, refutar opiniões e reforçar pontos de vista.

Logo após, têm questões que pedem para o aluno conversar com os colegas e tomarem nota de outras expressões que podem ser usadas em um debate regrado, através do próprio desenvolvimento oral vão se aproximando da sistematização das características do gênero. “Os gêneros orais – instrumentos de comunicação: um caminho para estruturar o ensino oral (ROJO, CORDEIRO, 2010, p.141).” A partir do ensino dos gêneros orais, o discente passa a entender a estrutura da oralidade e o que ela representa em seu cotidiano.

Os próximos textos são duas entrevistas publicadas em uma revista com opiniões diferentes: o primeiro, *A internet nos deixas estúpidos*, faz questionamentos sobre o que a internet faz com os filhos, faz perguntas negativas em relação ao uso excessivo do meio de comunicação, refletindo o que os pais devem fazer para solucionar esse problema, e traz algumas questões sobre tema de forma que aluno fique informado. Já no segundo, *A internet nos deixa inteligentes*, relata o lado positivo do uso da internet, as mudanças a partir do seu uso, as possibilidades e facilidades encontradas; além de trazer questões sobre esta abordagem, focando os pontos positivos e os argumentos utilizados na utilização da internet, tais são interpretativas e ajudam o aluno a aproximar-se do tema.

Finalmente depois de estudar diversos temas será trabalhado o “Debate opinativo”, com objetivo de debater um tema polêmico, o qual segue os seguintes passos: o primeiro momento é escolher um tema e então dividir os grupos, depois definir qual grupo defenderá qual posição. O segundo momento envolve a pesquisa sobre o assunto, a fim de comparar as informações pesquisadas, entrevistar pessoas que conhecem o assunto, dicionários, revistas, jornais, livros, filmes, documentários, imagens etc. Na terceira etapa, prepara-se a intervenção do debate, nem todos do grupo precisam participar, o grupo escolhe um representante para fazer as indagações, e juntos decidem a tese, escolhem as estratégias usadas e buscam anteceder os argumentos que serão defendidos pelos debatedores. E finalmente o debate, antes de começar recomenda-se que verifiquem se sala está de acordo com as necessidades, o professor irá ser o moderador, que apresentará o tema e os participantes. A sugestão é que grave o debate, se for possível, para fazer uma análise sobre a performance dos alunos. A avaliação do professor, será pautada em observar se argumentos foram convincentes, adequados, se as intervenções foram respeitadas, se houve segurança ao conteúdo e se as expressões orais e gestuais contribuíram.

Esta atividade feita desta maneira contribuirá muito no conhecimento do aluno, antecede muitas leituras, antes da realização do trabalho, que facilita a compreensão dos mesmos. Portanto, conclui-se que nesta coleção, *Arte da palavra*, o capítulo analisado sobre gênero debate, é rico em textos e questões interpretativas para o conhecimento do assunto,

trabalhando com o gênero no decorrer do capítulo, mas prioriza muito a leitura antes da realização da atividade.

2.2.2 Análise da coleção *Diálogo*

A coleção *Diálogo*, de acordo com análise feita no PNLD, explora temas específicos, questões do cotidiano, pondo em destaque as diversidades sociais e culturais do país, há vários momentos de ensino, exercícios de leitura e produção de texto. Nesta coletânea o que é mais desenvolvido são as produções de textos, nas quais é possível perceber o trabalho com gêneros textuais; além de trabalhar gramática, ortografia, linguagem oral e leitura.

No volume do 9º pode-se perceber que trabalha os gêneros textuais literários há pouco trabalho com a oralidade, o ponto forte do livro é a produção textual escrita, mas foi possível notar um módulo voltado ao trabalho com a oralidade, o debate.

A coleção trabalha com poucos gêneros orais em atividades que solicitam discussões e resolução de questões oralmente. Em alguns módulos, as seções *Conversando sobre linguagens*, *Dialogando com a imagem* e *Dialogando com o cinema* possibilitam a interação oral a partir dos textos apresentados. Alguns gêneros formais – como o debate regrado e a exposição oral – são, às vezes, trabalhados na seção *Produzindo Textos*, especialmente no 8º e 9º anos. Nesses volumes, os gêneros são tomados como objeto de ensino e recebem um tratamento metodológico adequado, pois os alunos são levados a refletir sobre os usos da língua em contextos específicos (PNLD, 2011, p. 68).

Neste livro, no capítulo intitulado por “Produzindo textos – Gênero debate”, é introduzido abordando que o aluno já leu diferentes textos, com temas variados, e neste propõe-se que cada um pode ser um agente que modifica o mundo. Desta forma sugere um tema para ser ampliado, guiando-se pelas seguintes questões: “O que faz alguém ser um herói no Brasil?”, “Quem são os verdadeiros heróis”, tendo como proposta promover um debate sobre a cidadania, em que cada grupo defenda o seu ponto de vista. E demonstra o passo a passo “I. Herói? Herói por quê? – Primeiros passos do debate / II. Debate ao vivo – elaborando argumentos / III. Com a palavra ... – discutindo ideias (BELTRÃO, 2009, p.233)

No primeiro passo, já conceituando o que é o debate, define-o e explica que tem lugar importante na sociedade, pois é ato de refletir e troca de ideias sobre determinado assunto. Isto é vincula-se ao objeto de um debate que

“[...] é sempre uma questão social controversa para a qual soluções diversas são previstas; o debate pode, então, ser concebido, idealmente, como um instrumento de construção coletiva de uma solução (Klein *apud* ROJO, CORDEIRO, 2010, p.71).

Depois de uma breve explicação sobre o gênero, questiona “O que vem a ser um herói?”, a partir daí começa a fazer leituras de textos para aprimoramento do conhecimento. O primeiro (texto- A), “Herói”, relata a vida de um vendedor de gás e dono de bar, apelidado por “Zé do Gás”, que investe todo dinheiro que ganha como vendedor, em um time de futebol, do qual ele é o próprio treinador, com o intuito de tirar os garotos da mira dos traficantes através da valorização do esporte.

O Texto –B, “Herói pela vida”, conta a história de um sociólogo que nasceu com hemofilia que depois muito tempo, se torna portador da Aids, contaminado por transfusão de sangue. Apesar de tudo isso, sempre lutou pela vida e a justiça: foi defensor democrático, contra os políticos autoritários, participou de outras movimentações e foi aprovado pela sociedade a partir do movimento que encabeçou, *Ação da Cidadania Contra Miséria e pela Vida*.

Na sequência há questões sobre os textos retratando os heróis do cotidiano, a primeira volta-se a releitura dos textos, a segunda pede aluno que concorde com uma das três proposições que define o que é ser herói. Na questão 2, tem-se as seguintes abordagens: a) indaga que o aluno defina o seu posicionamento e justifique os argumentos que escolheu; b) cada um terá que apresentar o seu argumento; c) o enunciado pede para discutir as questões, que pergunta se esses diferentes posicionamentos apresentados, teve aperfeiçoamento no tema e se foi melhor para os pontos vistas individuais. Pode-se notar nesse exercício que já começa o trabalho com gênero, pois leva o aluno a dar a sua própria opinião e formular argumentos sobre um assunto.

Neste texto organiza-se o debate em torno da seguinte questão “O que faz alguém ser um herói no Brasil? Para atender a essa perspectiva, orienta-se o professor a dividir a sala em três grupos, que vão defender o seguinte: “Grupo – 1 A determinação e o esforço que a pessoa demonstra para atingir seus objetivos. Grupo – 2 Um dom especial que nasce com a pessoa. Grupo – 3 As realizações sociais, culturais, políticas que a pessoa empreende” (BELTRÃO, 2009, p.236). Definido isto, cada grupo deve ter a posição que irá defender; um relator, que deverá registrar, em uma folha à parte, os argumentos selecionados; um debatedor, que irá representar o grupo; o moderador do debate. Para melhor organização pede-se um esquema da

distribuição dos grupos e a função de cada um dos componentes. Há neste ponto uma vinculação do oral ao escrito para fins de sistematização, segundo Dolz (2004, p. 214): “esse gênero pertence claramente às formas orais da comunicação (o que não significa que a escrita esteja aí totalmente ausente)”, portanto observa-se que as atividades são conduzidas de modo satisfatório e que favoreça ao aluno durante o módulo.

Logo abaixo tem duas seções: a primeira explica quais as funções que um moderador exerce dentro de um debate que são: fazer abertura do debate, organizar, apresentar os objetivos, cuidar das regras a serem seguidas e terminar o debate; já a segunda, indica que os alunos pesquisem para melhorar seus argumentos. Na escola muitas das vezes os alunos tem dificuldade em expor a sua opinião, o livro didático, por vezes, trata o debate como uma atividade comum, mas para alguns alunos pode representar uma dificuldade por ter problemas ao se expressarem.

Trata-se de um lugar de argumentação, a partir de verdadeiros desafios para os alunos. Muitos professores queixam-se, entretanto, da dificuldade que grande parte dos alunos tem em participar, em tomar a palavra em público, em discutir problemas com os outros, em corroborar ou refutar um ponto de vista (ROJO, CORDEIRO, 2010, p.71)

Dando continuidade na abordagem, há uma seção de atividades com trechos que demonstram um debate, em que tem a 1º parte (dividida entre três debatedores e cada um expõe um argumento sobre o tema), e a 2º parte (dar a opinião sobre o que outro falou), depois há algumas questões, falando da característica do debatedor, então basta os alunos prestarem atenção e indicarem quem é o debatedor do grupo.

Para que os alunos compreendam o elemento linguístico que fundamenta todo e qualquer debate – o argumento – expõe-se o argumento tem que ter posicionamento para defender as razões, e oferece três exemplos de posição, e logo abaixo algumas questões, que expressam ações realizadas e que terá que indicar que posicionamento cada debatedor teve, e na segunda questão o aluno novamente terá que indicar qual é posição de cada debatedor diante das questões. A última questão é em relação aos colegas se eles expressam alguma concessão ao que foi exposto, se foi possível vê-la. Essas questões o trabalho com o debate, demonstram a posição de cada debatedor, e como deve ser a relação entre os oponentes.

Para ampliar os conhecimentos e se ter boa argumentação, direciona-se o estudo do texto “Elaborando argumentos”, os quais serão fundamentados nos textos oferecidos, quais sejam: *Outros heróis* (texto A), este relata que no Brasil está cheio de heróis, mas não vemos, pois não reconhecemos, são aquelas pessoas que saem de casa todo os dias, enfrentam perigos para estar no trabalho; e o texto-B mostra quem foi o Chico Mendes, um herói que lutou pela

Amazônia. Desse modo, dão as orientações para preparar um debate, primeiro individualmente, em que os alunos lerão para conseguir o máximo de informações possíveis acerca do tema para elaboração de argumentos. Já em grupo:

1º) Leiam os argumentos que cada um elaborou. Mas uma vez, é importante que todos escutem sem interrupções. – Analisem os pontos divergentes e selecionem os argumentos mais consistentes. 2º) Preparem: - as perguntas que pretendem fazer aos outros debatedores; os possíveis argumentos que podem ser usados para contestar ou destacar as opiniões dos outros grupos; a réplica, ou seja, a resposta a uma provável contestação do grupo. 3º) Combinem a coleta de outros materiais – fotografias, ilustrações, dados, números, situações etc – que exemplifique o ponto de vista do grupo. 4º) Ensaíem o debate. Embora somente o debatedor atue no momento do debate, planejem as estratégias (BELTRÃO, 2009, p.240-241).

Há algumas dicas para os debatedores exporem com clareza seus argumentos, fazerem concessões, empregarem uma linguagem culta e argumentos típicos. Nessa parte, o livro expõe detalhadamente o que se deve fazer individual e em grupo, isso mostra ao aluno que todos têm o seu papel na realização do trabalho.

Terceiro e o último passo, a classe já deve ter o conhecimento que irão assistir a um debate, por isso são oferecidas dicas de como os debatedores devem se portar em frente à plateia, em forma de V. Posteriormente, explica-se o papel do moderador no debate:

- abrir o debate apresentando a questão a ser discutida, as posições em debate e os debatedores; - assegurar que os debatedores não se dispersem, percam o foco do que está sendo discutido; - esclarecer para a plateia o tempo do debate e as regras, isto é, como os debatedores deverão atuar; informar à plateia como deverão preencher as observações feitas durante o debate (BELTRÃO, 2009, p.241).

Chega o momento dos debatedores, para isso há o tópico “Com a palavra... os debatedores”, o qual volta-se para a fala e oferece um respaldo para que o aluno saiba portar-se no que se refere não só ao uso da língua em si, como também à paralinguagem. “Durante a fala, olhe para os outros debatedores e para a plateia; apóie o que diz com gestos calmos; fale com um tom de voz e entonação (pausas, ritmo) que evitem transmitir irritação, agressividade, nervosismo; engaje-se naquilo que diz” (BELTRÃO, 2009, p.242). Através dessa postura, o debatedor deve apresentar argumentos que sustentem a posição de seu grupo.

A função da plateia, além de fazer perguntas e anotar o que cada debatedor apresentou, também deve seguir alguns critérios como:

A- Respeitou as regras estabelecidas pelo moderador, ouvindo os demais participantes? B- Apresentou argumentos convincentes ao defender sua posição? C- Apresentou argumentos baseados em informações coletadas em materiais diversos? D- Utilizou argumentos dos outros debatedores para construir seus próprios argumentos? E- Apresentou fluência na fala, evitando

expressões como eh..., como é mesmo...? Para melhor organizar avaliação, reproduza a ficha a seguir em uma folha à parte (BELTRÃO, 2009, p. 242).

Tendo em vista a exposição das funções de cada um (debatedor, moderador e plateia), avalia-se que estas estão condizentes ao que se discute teoricamente, pois ao expor esses papéis, demonstra que:

O debate coloca assim em jogo capacidades fundamentais, tanto do ponto de vista lingüísticos (técnicas de retomada do discurso do outro, marcas de refutação, etc.), cognitivo (capacidade crítica) e social (escuta e respeito pelo outro), como do ponto de vista individual (capacidade de situar-se, de tomar posição, construção de identidade) (DOLZ, 2004, p. 214)

Diante do desenvolvimento dessas habilidades, sugere-se que o próprio aluno faça uma avaliação, fazendo um gráfico com nome do debatedor, a posição defendida e os critérios a serem seguidos. Isto mostra que a avaliação do trabalho realizado analisará se os argumentos defendidos sustentavam a posição, quais foram os procedimentos utilizados entre os debatedores, para discordar ou concordar, se adquiriram habilidades, se a atividade possibilitou a compreensão da linguagem oral e se o debate teve bom resultado.

Nesta coleção, o capítulo analisado sobre gênero debate, define melhor o que é o debate, as funções de cada componente, dá dicas, explica o que cada um deve fazer, tanto individualmente, como em grupo; e ainda mostra como deve ser a avaliação que os alunos precisam fazer. O que se pôde notar que, ao contrário da primeira coleção analisada, aqui não há um amplo trabalho com textos para aquisição e abrangência do assunto, além de serem trabalhadas poucas questões interpretativas para que ajudar os alunos no desenvolvimento dos conhecimentos. O que tem com bastante clareza é a exposição das características sistematizadas do debate.

2.2.3 Análise da coleção *Tecendo Linguagens*

A coleção “Tecendo Linguagens” não tem análise feita no PNLD, mas pode-se observar que é um livro que trabalha com a literatura e alguns gêneros textuais; em cada capítulo há o trabalho com leitura e escrita. Quanto à oralidade, todos os capítulos têm a seção *Na trilha da oralidade* que na maioria das vezes pede aos alunos que exponham a sua opinião sobre o assunto, mas, especificamente, não evidencia o gênero. Em alguns momentos

delimita-se as nomenclaturas *debate regrado*, *seminário* e *júri*, contudo não se desdobra acerca de suas características e intenções.

Neste livro, no primeiro capítulo pode-se observar que sugere o trabalho com o “Gênero oral: debate regrado”, em que o enunciado relata que o aluno precisa preparar-se para tal atividade, para tanto, oferecem-se duas reportagens. A primeira, *Fale de sexo com eles*, mostra que o assunto ainda é problema entre pais e filhos, pois alguns têm uma educação rígida e não dão abertura aos filhos para perguntar sobre esse tema; e a segunda, *Falta sexo*, relata que os jovens só pensam em sexo e a escola deveria trabalhar de forma mais planejada, para os jovens se prevenirem, contra doenças e gravidezes indesejadas, mas que pais também deve ter conhecimento sobre assunto explorado na escola.

Na sequência estão alguns pontos para seguir para iniciar, dentre eles norteia-se que depois de ter destacado algumas informações, em grupo, os alunos discutam o tema “Gravidez na adolescência: causas e consequências (OLIVEIRA, 2012, p. 75).” Este tema é para ser debatido, mas que alunos considerem também a importância da educação sexual. O segundo ponto da atividade volta-se para algumas orientações:

- Ouvir os colegas.
- Respeitar suas opiniões.
- Refletir antes de falar.
- Colocar os argumentos de maneira clara. Observar se os outros alunos estão compreendendo o que você diz.
- Esperar a sua vez de falar.
- Prestar atenção nos argumentos usados pelas outras pessoas.
- Contestar as ideias dos outros por meio do emprego de novos argumentos (OLIVEIRA, 2012, p.75)

A terceira orientação pede ao aluno que escolha o mediador, isto é, o que organiza o debate, combina o tempo de cada grupo e passa a palavra aos participantes. Por fim, a quarta etapa, solicita que alunos, depois do término do debate, façam uma avaliação de cada participante que apresentou. Todavia, nota-se um abordagem muito concisa de perspectivas textuais, pois foram oferecidos poucos textos aos alunos, de modo que não foram favorecidos a desenvolver a argumentação – elemento primordial para o gênero –, o que recomenda-se é uma sustentação de ideias e conhecimentos primeiramente para que o discente processe as informações e construa um ponto de vista. Dessa forma, nota-se que este gênero deve-se abranger de outra maneira no meio escolar, como se observa-se abaixo:

A particularidade da situação escolar reside no seguinte fato que torna a realidade bastante complexa: há *desdobramento* que se opera em que o gênero não é mais instrumento de comunicação somente, mas é, ao mesmo tempo objeto de ensino-aprendizagem. O aluno encontra-se, necessariamente, num espaço do “como se”, em que o gênero funda uma

prática de linguagem fictícia, uma vez que é instaurada com fins de aprendizagem (ROJO, CORDEIRO, 2010, p.65).

Diante disso pode-se que o debate trabalhado neste livro não dá o suporte necessário para realizá-lo, nesta coleção “Tecendo Linguagens”, pois apresenta apenas dois textos, logo depois já se introduz o debate, sem que os alunos saibam o que é este gênero e a sua importância no meio social, apenas passa algumas regras a serem seguidas.

Nas três coleções analisadas, percebe-se que na primeira dá mais suporte na leitura, para conhecimento do assunto que será desenvolvido, a segunda explica melhor a função de cada participante e como deve ser trabalhado o gênero, e a terceira tem muita deficiência, tanto nas leituras, quanto nas definições do que é o debate e como trabalhá-lo. Porém, um fato que merece destaque é a data de publicação desta última: o livro é mais recente, de 2012. Aqui, pressupõe-se que por ser mais atual, deveria estar mais próximo às novas propostas de trabalho com a linguagem em sala de aula, substituir-se para a aplicabilidade de gêneros textuais diversos, contudo isso não acontece. Isso, possivelmente, justifica sua não inserção no PNLD, tendo em vista que esse guia sintetiza as coleções mais indicadas segundo seus critérios de avaliação, os quais caminham paralelos aos novos paradigmas educativos.

CONCLUSÃO

A pesquisa voltou-se para o ensino e para as práticas escolares a partir de diferentes formas de linguagem, de modo a ressaltar a relevância do desenvolvimento da diversidade de gêneros no processo de ensino-aprendizagem dos educandos. Os gêneros são dependentes do modo social, das situações da fala que são utilizados pelo usuário da língua, dependendo do contexto. Dentre essas perspectivas percebe-se que para entendê-lo em um aspecto social, tem-se que entender qual a sua criação, a interpretação, a reação que se tem ao deparar com certos textos.

Os gêneros são formados dependendo da situação que a linguagem está inserida, por exemplo, discussões e opiniões diferentes em público formam o debate, que é um gênero, ou seja, uma forma de comunicação. Tudo que se expressa e escreve em um determinado local pode caracterizar um gênero específico, então os professores devem ensinar que determinada ação comunicacional poderá desenvolver um gênero específico.

O gênero oral apesar de ser muito presente no cotidiano nas práticas da sala de aula, tem menos abrangência que os escritos e futuramente essa deficiência pode chegar à universidade. Os gêneros orais são formados por enunciados estabelecidas por meio da fala, sempre respeitando as direções dos indivíduos no momento da enunciação, apesar das diferenças da fala e escrita, eles convivem e se auxiliam nos processos comunicativos. A oralidade é uma competência na qual o aluno deve ter maior desenvolvimento, isto cabe ao espaço escolar propiciar. Nessa perspectiva, o trabalho com debate é uma das possibilidades, pois tem características como a argumentação e a discussão, levando os educando a praticarem momentos efetivamente próximos a isso.

Na análise feita nos três livros didáticos, pode-se perceber que alguns livros realmente tratam do gênero como deve ser, apesar de que um tem coisas que outro não tem, e que o último livro analisado mesmo sendo mais recente – de 2012 – demonstra bastante deficiência no trabalho com o gênero. No primeiro livro analisado nota-se mais suporte na leitura, para conhecimento do assunto que será desenvolvido com bastante textos pertinentes a cada tema; o segundo explica melhor a função de cada participante e como deve ser trabalhado o gênero, desenvolvendo-o melhor, porém sem um suporte textual amplo. Enquanto a terceira tem muita deficiência tanto nas leituras, quanto nas definições do gênero.

Esta pesquisa levou em consideração um gênero oral e seu uso através de um instrumento de ensino, avaliou-se suas contribuições no desenvolvimento das competências e

habilidades sugeridas pelos guias curriculares e recomenda-se este tema para ser pesquisado mais vezes, pois o pesquisador passa ter contato direto com instrumento didático e com o estudo do gênero, e mesmo poderá dar a devida atenção ao este quando estiver exercendo a profissão. Ressalta-se ainda que esta foi uma análise por amostragem e, portanto, não se limita a estes resultados, por isso mesmo a necessidade de pesquisas contínuas referentes a esse tema.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal**. Trad. Paulo Bezerra. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- BELTRÃO, Eliana Lúcia Santos. GORDILHO, Tereza Cristina S. **Diálogo: Língua portuguesa, 9º ano**. Ed. Renovada. – São Paulo: FTD, 2009.- (Coleção Diálogo).
- BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: terceiro e quarto ciclos. Língua Portuguesa**. Brasília: MEC/SEF, 1998.
- BUENO, L. **Gêneros Oraís na escola: Necessidades e dificuldades de um trabalho efetivo**. Instrumento: R. Est. Pesq. Educ. Juiz de Fora, v. 11, n. 1, jan./jun. 2009 Disponível em: <<http://www.editoraufjf.com.br/revista/index.php/revistainstrumento/article/viewFile/2/2>>.
- CRUZ, Welington de Almeida. **Gêneros Oraís nos Livros Didáticos de Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: UFRJ/ Faculdade de Letras, 2012.
- DIONÍSIO, Angela Paiva. BEZERRA, Maria Auxiliadora. **O livro didático de Português: Múltiplos olhares**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2001.
- Guia de livros didáticos: PNLD 2011 : Língua Portuguesa**. – Brasília : Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2010.
- I. OLIVEIRA, Tânia Amaral. II. SILVA, Elizabeth Gavioli de Oliveira. III. SILVA, Cícero de Oliveira. V. ARAÚJO, Lucy Aparecida Melo. V. Série. **Língua portuguesa, 9º ano**. – 3. ed.—São Paulo: IBEP, 2012. -- (Coleção Tecendo Linguagens).
- MEURER, J.L. BONINI, Adair. MOTTA-ROTH. **Gêneros: teorias e métodos, debates**. São Paulo: Parábola Editorial, 2005.
- PARÂMETROS CURRICULARES NACIONAIS / PCN: ensino médio; Língua Portuguesa. Brasília: MEC/SEF, Secretaria de Educação Fundamental, 2000.
- OLIVEIRA, Gabriela Rodella de. RODRIGUES, Flávio Nigro. CAMPOS, João Rocha. [ilustração Adolar, Jean Galvão, Roberto Weigand, Samuel Casal]. **Português: a arte de palavra, 6º ano** – 1. Ed. –São Paulo: Editora AJS Ltda, 2009 .
- OLIVEIRA, Mariangela Rios de; WILSON, Victoria. **Linguística e Ensino**. In: MARTELOTTA, Eduardo. Manual de lingüística. 1. Ed. – São Paulo: Contexto, 2009.
- ROJO, R.; GLAÍS, S. C. **Apresentação - Gêneros e oraís e escritos como objetos de ensino: Modo de pensar, modo de fazer**. In: SCHNEUWLY, Bernard; DOLZ, Joaquim. Gêneros Oraís e Escritos na escola/ tradução e organização Roxane Rojo e Glaís Sales Cordeiro. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2010.
- ROJO, Roxane. **A prática de linguagem em sala de aula: praticando PCN's**. Campinas -SP: Mercado de Letras, 2000.

ROJO, Roxane.SALES,Glais. **Gêneros orais e escritos**. 2º edição. Campinas -SP: Mercado de Letras, 2004.

ROJO, R. **Gêneros do Discurso e Gêneros Textuais: Questões teóricas e aplicadas**. In: MEURER, J. L.; BONINI, A.; MOTTA-ROTH, D., organizadores. *Gêneros: teorias, métodos, debates*. São Paulo: Parábola Editorial, 2005.

ROJO, Roxane. **Modos de Transposição dos PCNS às práticas de sala de aula: progressão curricular e projetos**. In: MEURER, J. L.; BONINI, A.; MOTTA-ROTH, D., organizadores. *Gêneros: teorias, métodos, debates*. São Paulo: Parábola Editorial, 2005.

ROSA, Ana Amélia Calazans da. **Gêneros orais na escola pública: o gênero debate na formação crítica do sujeito**. Revista EntreLetras Revista do Curso de Mestrado em Ensino de Língua e Literatura da UFT – nº 1 – 2010/II.

SCHNEUWLY, B.; DOLZ, J. e colaboradores. **Gêneros orais e escritos na escola**. Tradução e organização por R. Rojo e G. S. Cordeiro. Campinas: Mercado de Letras, 2004.

SERAFIM, Mônica de Souza. **Da Teoria à Prática: um Olhar sobre a Oralidade na Sala de Aula**. Revista Internacional d'Humanitats 21 CEMOrOc-Feusp / Univ. Autònoma de Barcelona. jan-jun 2011.

WITZEL, Denise Gabriel. **Identidade e livro didático: Movimentos identitários do professor de Língua Portuguesa**. Dissertação apresentada ao Programa de Pós- Graduação em Lingüística Aplicada (Mestrado), da Universidade Estadual de Maringá (PR). Maringá, PR. 2002.

ANEXOS